

A SALOIA NAMORADA,

O U

O REMEDIO HE CASAR:

PEQUENA FARÇA

DRAGMATICA

QUE EM SINAL DA SUA GRATIDÃO

AO OBSEQUIO

DOS

GENEROSOS SENHORES PORTUGUEZES,

OFFERECE, E DEDICA

NO DIA DE SEU BENEFICIO

DOMINGOS CAPORALINI,

E

MIGUEL CAVANNA,

Representada por elles, e outros Socios

da Companhia Italiana

N O

THEATRO DE S. CARLOS

A N N O D E 1793.



LISBOA. MDCCXIII.

NA OFFIC. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

*Com Licença da Real Meca da Comissão Geral sobre
o Exame, e Censura dos Livros.*

T.S.C. 168 P.

(B 3030041
H 1587071

INTERLOCUTORES.

A L B I N A, Saloia namorada de Alonso

O Senhor Domingos Caporalini.

A L O N S O, Castelhano, Músico, Zabumba de certo Regimento

O Senhor Francisco Marchesi.

R O S A L I A, Castelhana, Linheira, Irmã de Alonso, Namorada de Valerio

O Senhor Miguel Cavanna.

V A L E R I O, Taberneiro, promettido Esposo de Rosalia

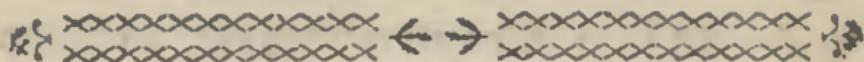
O Senhor Paulo Bofcoli.

Músicos do Regimento com Alonso, e dois serventes da Taberna.

A Scena se representa em huma Rua, e Taberna de hum dos Bairros de Lisboa.

A Composição do Drama he de Leren
Selencintino, Socio da Arcadia de Roma.

A Musica he do Senhor Antonio Leal
Moreira , Mestre do Real Seminario de
Lisboa.



SCENA I.

Rua com huma taberna de hum lado , e de-
fronte a loje de Rosalia ao principio
tudo fechado.

*Albina Saleia com giga de azeitonas apre-
gôando.*

Alb.

QUEM merca azeitonas novas !
Quem merca a rica azeitona !
Oh ! freguezes ! Quem me estreia !
Dorme tudo ,inda resona
E só eu madrugo tanto !
Amor me faz madrugar. (1)

Estou doida de amor , mesmo doi-
dinha !

Ha já mais de seis mezes , que assim
ando !

Eu não como , eu não durmo , eu
não foego :

Inda a manhãa lá vem não sei aonde
Q'eu tomo a giga , e á Cidade corro.

Ah !

(1) Da hum passeio em modo pensativo.

Ah ! se Alonso m'engana , eu morro , eu morro :

Este o dia aprazado da licença
De ser eu sua Esposa

Se tal consigo ah ! como sou ditosa !
Esta he a sua casa , a sua taberna ,
Em que elle tem creto , elle almoça.
E tudo está fechado ! He forte somno !
Eu vou bater-lhe á porta.. (1) Não
que temo (2)

Acordar sua irmã , e esta Gallega
Mofina , endiabrada

Quer dar cunhado , e não quer ter
cunhada :

Darei o meu discante

Póde ser que me escute o meu chi-
bante (3)

Dos meus males o remedio
A Fileno só direi :

Se Fileno não vem ver-me ,
De saudades morrerei.

Ah ! meu bem , se te não vejo
De saudades morrerei. (4)

Qual

(1) Caminhando para a porta de Rosalia.

(2) Sustendo o passo.

(3) Pois a giga no chão.

(4) Olhando para as janellas a ver se a chamão.

Qual abrir as janellas ! Dormem todos
Talvez que o pobre em casa não dor-
misse

Não tenho paciencia , e como tarda
Vou buscá-lo ao quartel , vou vê-lo á
guarda (1)

Quem compra azeitonas novas...

S C E N A II.

Valerio ao postigo chamando Albina que se vai.

Val.

SIo, sio , sio
Minha joia
Sio , sio , sio ,
O' Saloia... (2)
O' Saloia.
Não me ouvio
Isto he caça de arribada
Que deo volta , já fugio.

SCE-

(1) Põe a giga á cabeça , e vai apregôando.

(2) Sahindo para fóra da porta , até ao meio da rua.

SCENA III.

Valerio, querendo retirar-se, Rosalia da sua porta.

Rof. BONS dias, meu Senhor (1)
Val. ... Alegres dias. (2)
Ai de mim meus peccados
Apanhou-me co' a boca na botija. (3)
Rof. O Senhor madrugou, que historia he
esta !
Val. Já não he sedo, venho abrir a loje.
Rof. Cuida que não o vi, a quem cha-
mava ? (4)
Val. Chamava, sim chamava ... (5)
Rof. Chamava, diga quem, falle depressa
Se não quer levar quatro taponas. (6)
Val. Eu chamava a mulher das azeitonas. (7)
Rof. Aquella Saloieta !
Gosta della o Senhor? He bem bonita !
Por

(1) A Valerio , que se recolhe com cortezia heroica.

(2) Voltando submisso.

(3) A' parte.

(4) Sahe para a Rua chegando-se a Valerio.

(5) Affastando-se.

(6) *Furaivada*.

(7) Com muita submissão, e medo.

Por ella o casamento se desleixa,
 Já não he sem rezão a minha queixa :
 Mas não ha de zombar assim comigo ,
 Que se eu entro a enfadar-me
 Verá que sou mulher , e sei vingar-me

Eu pobre coitada
 Quieta vivia ,
 Amar não queria ,
 Nem ser nunca amada
 Em paz discançada ,
 Meu linho cardando ;
 Cedando , fiando
 Podia passar.
 Mas veio o Senhor
 Fallar-me em casar ...
 Fiquei , como as outras
 Costumão ficar
 E agora o menino
 Me quer enganar.
 Se andar com mais lerias
 Com essas mocinhas
 Com estas māosinhas
 O hei de esganar. (1)

SCE-

SCENA IV.

Valerio fô.

Val.

EU de boa escapei ! Caspitê bravo
 Inda não me cazei, já me dá regias
 E que Furia ! Cuidei que me esganava,
 Mas eu a insinarei : disfaço tudo
 E o Senhor D. Alonço ,
 Esse Zubumba Mór do Regimento
 Busque lá quem a ature
 E noivo paciente lhe procure :
 Fazeis-me compaixão, pobres maridos!
 Pois a qualquer raivinha
 Vai o diacho em casa do Alfacinha
 Foi Senhor o marido em outros tem-
 pos ,
 A moda mudou tudo :
 O marido he agora humilde escravo
 E o que se casa agora
 Cuida que tem mulher , e tem Se-
 nhora. (1)

SCE-

(1) Vai-se.

SCENA V.

Valerio pondo á porta da Taberna os seus costumados aprestos , vassouras , archotes , pano de porta fogareiro , e frigideira para a chanfana.

D. Alonço com seus companheiros Musicos , tocando o Zabumba.

Alonço canta.

O Maroto de Cupido
Emprendeo levar-me á tunba,
Nunca cessa de ferir-me ,
Sempre trus , catrus zabumba,
Tumba catumba
Sempre zabumba
Para ferir mais a gosto
As hastes das setas chumba
Tantão mais pezão , mais rasgão:
Sempre trus catrus zabumba
Tumba catumba , &c. (1)

Alto

(1) Depois de acabar tira o zabumba.

Alto lá , camaradas , venha a pinga
 Q' he da gente de Pifano , e Vaqueta
 Doce remedio que os trabalhos vin-
 ga ; (1)

Venhão ilicas tambem , he esta a meza
 Que tem servido a muita gente boa :
 Rapaz , não tragas menos d'um almude
 Q'eu pela chibantissima Saloia ,
 Pela minha formota , e cara Albina !
 Hoje quero beber mais de huma tina :
 Já licença alcancei de recebella.
 Que goito ! sim que goito !

Ninguem tem como eu , noiva tão
 bella.

Ora a Deos Catalunha

O matrimonio já de ti me afasta :
 Aqui me hão de cantar o requiescat.
 Que generosos são os Portuguezes
 Os homens liberais , as moças bellas.
 Não ha Povo , não ha melhor do
 que este

Doce abrigo das gentes Estrangeiras
 Tenho aqui pão , aqui me estabeleço :
 Gosto da gente , gosto da linguagem:
 He nobre , he expressiva
 Bons viveres , bons ares :

O

(1) A hum dos Companheiros Musicos , que parte para a Taberna.

O Paiz he sadio , a pinga he boa ,
 Oh ! viva Portugal , viva Lisboa .
 A Deos , ó minha Pátria ,
 Que o meu systema nisto só se enserra ,
 Aonde me vai bem , he minha terra .

Amo o Povo que alegre me cerca
 Ao som rouco do grosso zabumba .
 Vejo , apenas o éco retumba ,
 A's janellas as moças chegar :
 Deixão rócas , e meias , e costuras
 Por meu garbo , que as faz encantar .
 (Cara Albina tu mesma cahiste
 Nestes laços , que amor sabe armar)
 Com agoite , e vaqueta o zabumba
 Ninguem sabe melhor fustigar :
 Eu alegro o quieto Paísano
 Como ánimo o feroz militar .

Mas não vem este vinho , estas iscas ?
 Sempre foi meu contrário o vagar .
 Camaradas a elles , a elles (1)
 Avança a comer , avança a chupar .(2)

SCE-

(1) Para os Companheiros .

(2) Vão-se todos levando o zabumba , e entrando de tropel para a Taberna .

SCENA VI.

'Albina só, sem giga com bum papel na mão.

Alb.

A Fortuna já tem de mim piedade,
Corro ao quartel não acho o meu
Alonso,
Mas piedoso Soldado a mim se chega,
E este papel me entrega (1)
O subscripto a mim se dirigia,
Eu conhecia do meu bem a letra
Mas assustado o coração batia.
Tremendo a mão medrosa
Aos poucos rasga a pegajosa obrêa,
E á sábia amiga vou pedir que a lêa;
Qual foi o meu transporte
Ao ver que era a licença de casarmos,
Não, não posso dize-lo
Se alguém ama como eu pôde enten-
de-lo.

Não ha neste Mundo
Ninguem mais ditosa
Contente gostosa
A meu bem unida
Feliz doce vida

Fi-

(1) Beijando o papel.

Figuro ter já.
E quando vierem
 Os pecurruxinhas
 Branquinhas
 Lourinhos
 Que gosto será :
 Mamá dirá hum
 Diz outro Papá
 Hum dá-me hum abraço
 Hum beijo outro dá.
Amor tu premejas
 Huma alma constante ,
 E alguem mais amante
 Amor não , não ha. (1)

SCENA VII.

Albina que se vai a retirar , e Rosalia que sabe com mantilha.

Ros. **E** U vou ver meu Irmão , e logo
 venho (2)
 Mas cá vem a Senhora , (3)
 Que busca ella por aqui agora ?
Alb.

(1) Mette o papel no seio , e quer ir-se.

(2) Falla para dentro.

(3) Com raiva , e confusão.

- Alb.* Aqui vem a maldita da cunhada (1)
 E que tal ficará sabendo a historia!
 E por perrice a tola tagarella
 Quero passar sem fazer caso della
Ros. Que raiva? Cortegeia, e não fez caso
 Ha de ir tudo em estilhas, tudo raso.
- Ros.* Saloia insolente
 Não tem cortezia!
- Alb.* Mas V. Senhoria
 Quem he, diga quem?
- Ros.* Mulher de bem sou
 Ouvio minha joia
- Alb.* Tambem he Saloia
 Que he gente de bem.
- Ros.* Se mais me rondar
 Aqui pela porta...
- Alb.* E então que lhe importa
 Quem vai, ou quem vem.
- Ros.* O Irmão me namora
 Já sei isso bem.
- Alb.* O Irmão lhe namoro
 Pois sim faço bem.
- Ros.* Saloia ... faz nojo.
- Alb.* Gallega... faz rijo.

Se-

(1) Vendo Rosalia, e voltando se.

* 2. { Senhora juizo
 Daqui tudo vem
 Cabeça vazia
 Não val hum vintem.

S C E N A VIII.

Valerio, Alonso, os Musicos, e os Serventes que estão pondo a meza.

Val. E Stou muito enfadado
 E dou tudo por nullo, e acabado.
Alonsf. Não tens razão, amigo, quando ralhão,
 Então são mais amantes as mulheres,
 Rosalia minha Irmã, he como as outras.
 Mas eu co' a pobre pansa dando horas
 Estou isto aturando
 Sem me lembrar que tu estás zombando:

F I N A L.

<i>Alonsf.</i>	Ah tu zombas Meu Valerio.
<i>Val.</i>	Não, Alonso Fallo serio.
<i>Alonsf.</i>	De Rosalia és muito amado.
<i>Val.</i>	Tem hum genio endiabrado.
<i>Alonsf.</i>	Caçarás, e amansarás

He

A SALOIA NAMORADA.

Val.

He antigo este ditado
 Em casando ha de amansar.
 Não o creio não o espero
 Oh ! tratemos d'outra cousa
 Já he tempo de almoçar.
 Pois a elle , oh ! Camaradas
 Tu tambem te has de sentar
 Vem no roixo mar do vinho
 As tristezas affogar (1)
 A pinga he de arromba
 Bem bom o petisco ,
 Chanfana , ou marisco
 Convida a chupar
 D' Albina á saude
 Vá cópo a virar.

Todos

Vá cópo a virar. (2)

(3) Alb. C'os teus amigos

De mim te esqueces ,
 Nem me appareces
 E eu a esperar.

Ouve , meu rico ,
 Sim , minha joia

Tua

(1) Vão sentar-se á meza.

(2) Bebem todos.

(3) No meio desta algazarra sahe Albina por huma porta contraria , a que ha de dar entrada a Rosália , e todos se levantão.

Tua Saloia
 Já separada
 Não quer estar.

Alons. Amigo , escuta
 Como se enfada
 E não tens nada
 Que te espantar
 Assim são todas
 Em toda a parte ,
 Em França , Hespanha
 Na China , e Russia ,
 Hollanda , e Prussia
 Toda Alemanha
 E toda a Italia
 Já não se estranha
 Vê-la ralhar ,
 Não he Rosalia
 Só singular.

Alb. Defende a mana
 O manosinho
 O' isto he vinho
 Que o faz toldar.

Ros. Oh ! tambem entra a Saloia ! (1)
 Quem a mandou cá chamar. (2)

Alb. He a dona aqui da casa ?

Vá

(1) Entra Rosalia , e se admira.

(2) Para Albina.

Vá Senhora , vá cardar. (1)

Ros. Vem ao cheiro , vem ao cheiro. (2)

Alb. Calluda que eu chego-lhe. (3)

Ros. Ah ! chegue , que eu prego-lhe (4)

a 2. Saia se he capaz. (5)

Alonç. { Senhoras prudencia

Val. { Socego haja paz.

Alonç. Se querem , oução-me

Haja socego

Que eu faço ao rego

Tudo chegar. (6)

Nestes raivaços

Nada mais vejo

Do que o desejo

De se arranjar.

Albina assusta-se (7)

No seu queixume ;

Porque presumo

Possio mudar.

Ro-

(1) Para Rosalia partindo com heroico desprezo.

(2) Para Albina com mofa.

(3) Partindo para Rosalia.

(4) Traçando a mantilha a espera.

(5) São sustidos por Alonso , Valerio , e os Musicos , que se reparteim para huma , e outra parte.

(6) Todos prestão attenção.

(7) Para a Saloia.

Rosalia teme-se (1)

Ardendo em braza

Não ter mais casa

Que governar

Valerio teme-se (2)

De raiva , e ira

Com que delira

Quem sabe amar.

E Amor a todos

Vai contentar.

Acceita , Albina , (3)

Desta alma o imperio:

Tu a Valerio (4)

Vai-te entregar.

Dizei se tendes

Que vos queixar

Oh ! Que remedio

Tão singular

De amor loucuras

Será o casar.

Todos.

{

Agora só falta ,

Alb. { a 2. Benignos Senhores ,

e { A vossos favores

Ros. { As graças vir dar.

Gr-

(1) Para a Linheira.

(2) Para Valerio.

(3) A Saloia que lhe dá a mão.

(4) A Rosalia que vai dar a mão a Valerio.

A SALOIA NAMORADA.

Gratos Estrangeiros,
Que vós honrais tanto
Ao menos em Canto
Vos querem pagar.
Todos. Oh? Que remedio, &c.

F I M.